

Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa como património

Manuel Pinto

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, mpinto@ics.uminho.pt

Rita Ribeiro

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, rmgr@ics.uminho.pt

Maria João Nunes

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, mariajoao.mcn@gmail.com

Emília Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, era@ics.uminho.pt

Luís Santos

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, lsantos@ics.uminho.pt

Luís Cunha

Centro em Rede de Investigação em Antropologia-Universidade do Minho, Portugal, lmcunha@ics.uminho.pt

Albertino Gonçalves

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, albertino@ics.uminho.pt

Moisés Martins

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade-Universidade do Minho, Portugal, moisesm@ics.uminho.pt

Jean-Yves Durand

Centro em Rede de Investigação em Antropologia-Universidade do Minho, Portugal, jydurand@ics.uminho.pt

Resumo

A festa de S. João de Sobrado, também designada como Bugiada e Mouriscada, é uma manifestação cultural que se enquadra nas festividades populares cíclicas e nas “festas ou danças de mouros e cristãos”. Realiza-se anualmente no dia 24 de Junho, na vila de Sobrado, concelho de Valongo, no noroeste de Portugal. Trata-se de uma manifestação cultural multidimensional e de grande densidade simbólica e social que se encontra em processo de estudo científico sistemático e exaustivo. Pretende-se, assim, apresentar de forma sucinta os elementos fundamentais desta festividade, e reflectir sobre a sua classificação como património cultural, considerando o seu relevo como marcador identitário da comunidade local.

Palavras-chave: Bugiada e Mouriscada; Festividade; Património; Comunidade.

Introdução

As festividades cíclicas ligadas a celebrações religiosas e comunitárias têm sido analisadas, em Portugal, em diversos domínios das ciências sociais e humanas e sob múltiplas perspectivas. Hoje é assinalável o quadro analítico consolidado sobre os elementos socio-antropológicos que as compõem e estruturam e que permitem pensar nestas manifestações como formas ou dimensões do património cultural. Continuam, todavia, sem estudo algumas festividades que, reproduzindo grandemente tais componentes, revelam características que são merecedoras de descrição e análise adicionais. A festa de S. João de Sobrado, no concelho de Valongo, é uma destas manifestações da cultura popular festiva, marcada por elementos de grande singularidade. Também designada como Bugiada e Mouriscada, esta festa, com origem pouco definida no tempo – estando documentada pelo menos desde o século XIX – e integrando elementos análogos aos de outras festividades com grande relevância e lastro histórico, realiza-se anualmente no dia 24 de Junho, na vila de Sobrado, concelho de Valongo. Trata-se de uma manifestação complexa e multidimensional, com

uma grande densidade simbólica e ritual e constituindo um elemento central da identidade cultural da comunidade de Sobrado.

A Bugiada e Mouriscada é centrada na representação de uma lenda que narra a disputa entre mouros e cristãos pela posse da imagem de S. João. A festa é sobretudo protagonizada por duas formações: os Mourisqueiros, que integram entre quatro a cinco dezenas de jovens solteiros, apresentando-se em uniforme militar rico e elaborado, que inclui barretina, polainas e espadim; e os Bugios, representando os cristãos, que atingem mais de cinco centenas de participantes de todas as idades, vestindo trajes coloridos com capa, chapéu de penachos, guizos e castanholas e apresentando-se mascarados. As duas formações são lideradas pelos respetivos reis, o Reimoeiro (rei mouro) e o Velho da Bugiada, e apresentam-se predominantemente em duas filas paralelas. Cada uma das formações executa danças e desenvolve movimentos coreográficos próprios.

As origens desta festa cruzam-se com algumas das mais relevantes e antigas manifestações religiosas populares da Europa – as festas de “mouros e cristãos”, ainda existentes em diversos países, e as procissões de Corpus Christi, outrora de grande expressão pública e hoje já quase desaparecidas – mas evoluiu para formas singulares de ritualização e significação. Desde logo, pelo facto de, em contraste com outras festas do género, ser de grande complexidade a relação simbólica entre “mouros e cristãos” e de, mais do que o antagonismo e a disputa, serem a coexistência e a tolerância a estruturar os sentidos produzidos. A festa organiza-se em diversos momentos e manifestações, sendo particularmente relevantes as danças, a encenação dramatúrgica da lenda, nomeadamente na “Prisão do Velho”, e as várias sequências de sátira social, farsa e transgressão ritual da ordem. Estas últimas convocam práticas ancestrais e subversivas ligadas à vida das comunidades rurais.

Pretende-se nesta comunicação descrever e analisar a sequência ritual e festiva, com base no trabalho etnográfico e de pesquisa documental realizado, assim como discutir a forma como a festa da Bugiada e Mouriscada se articula com um contexto socio-cultural que tem vindo a transformar-se e se configura como património cultural notável no quadro das festividades cíclicas em Portugal. Num primeiro momento, são apresentadas as principais sequências do dia festivo e, posteriormente, procura-se reflectir sobre esta manifestação de património cultural que emana da comunidade e do seu intenso envolvimento com a festividade.

O S. João de Sobrado: lenda e festa

A festa de S. João de Sobrado, designada também como Bugiada e Mouriscada ou Bugiada, constitui uma festividade popular que se distingue pela riqueza e complexidade das suas manifestações. Nela convergem celebrações religiosas e profanas, danças e encenações ritualizadas, articuladas numa teia de sentidos nem sempre evidentes ou sequer decifráveis. Pelas múltiplas dimensões em que se desdobra – simbólica, estética, ritual, religiosa, comunitária – a festa de Sobrado exige uma descrição das suas principais sequências, de que nos ocuparemos nos parágrafos seguintes.

Ao contrário de outras celebrações associadas ao solstício de Verão que ocorrem em Portugal e noutros países e que privilegiam o período nocturno para a realização da festa, em Sobrado o S. João é celebrado durante o dia de 24 de Junho de cada ano, desde cerca das 8 até depois das 21 horas. Ainda assim, realizam-se arraiais nas noites anteriores, particularmente na de véspera, com o programa típico de artistas de cariz popular e comercial, incluindo grupos de música e dança da própria freguesia, acompanhadas dos também habituais carrocéis e “barraquinhos de comes e bebes”. Porém, as noites de arraial não se aproximam em importância dos eventos que decorrem durante o dia. Especialmente, a festa concentra-se no centro da vila, junto à igreja, numa pequena alameda conhecida por Passal, e junto ao edifício-sede da Casa do Bugio, associação criada no início dos anos 90

do século passado para preservar e promover esta festa. Ao início da manhã são também palco festivo as ruas onde residem os “reis” protagonistas da festa.

As principais sequências festivas da Bugiada e Mouriscada decorrem da encenação e ritualização da “lenda de S. João”, que é narrada em várias versões. Sem origem identificada, a lenda conta a história da disputa entre o rei mouro e o rei cristão pela posse da imagem de S. João. Em tempos que recuam à ocupação muçulmana da Península Ibérica, o rei mouro, que tinha tropas estacionadas na serra de Cuca-Macuca (Serra de Santa Justa, principal elevação do concelho de Valongo), viu a sua filha adoecer gravemente, sem que fosse possível curá-la. Sabendo dos milagres que a imagem de S. João havia feito aos cristãos, nomeadamente a cura da filha do seu rei que também estivera doente, o rei mouro (dito Reimoeiro) pede ao rei cristão (dito Velho da Bugiada) que lhe ceda a imagem para salvar a filha. Ou porque tardava devolução da imagem emprestada, satisfeitos que estavam os mouros pelas graças concedidas pelo santo, ou porque nem sequer fora emprestada por suspeição das más intenções dos mouros, os dois lados entram em contenda. A batalha dura até que o exército mourisco, vitorioso, faz prisioneiro o rei dos cristãos que, como último recurso, enfrentam os mouros com uma serpe (grande serpente) e assim libertam o seu rei e recuperam a imagem do santo protector. A representação dramática da lenda na festa é, porém, oblíqua. Não se trata, na maior parte dos momentos, de uma encenação literal e integral, mas da sua transfiguração em momentos como as danças, na procissão religiosa e na encenação, sob a forma de teatro de rua, da batalha, derrota, aprisionamento e libertação do rei cristão.



Figura 1: Dança dos Mourisqueiros.

A festa de S. João de Sobrado integra-se na tradição festiva europeia (presente também noutros continentes) designada por “festas ou danças de mouros e cristãos”. Trata-se de celebrações seculares que recriam as relações de conflito entre os cristãos e o Outro dos europeus – os muçulmanos que, em diversos momentos da história ocuparam território europeu. A relação de antagonismo e de alteridade é muito evidente na festa de Sobrado, com mouros e cristãos (Bugios) a constituir-se como grupos contrastantes. Todavia, ao mesmo tempo que a separação entre eles marca toda a performance festiva, a sua ligação é

permanente e intensa, quase especular (Pinto, 1983; 2000). Até à encenação da prisão do rei dos cristãos, não há qualquer interacção entre os dois grupos, nem sequer se cruzando no mesmo espaço.

Os Mourisqueiros são uma formação militar composta apenas por homens solteiros, organizada em pares (cerca de vinte, mas variável consoante os anos) e liderada pelo Reimoeiro. Os rapazes que integram este grupo fazem-no desde a adolescência e os que revelam melhores qualidades assumem os cargos de Guia, Meio e Rabo (um par cada). O Mourisqueiro que entrar como Meio sabe que, se tudo correr como o previsto, será Reimoeiro ao fim de sete anos. Apresentando-se como exército garboso, os Mourisqueiros trajam a rigor: uniforme militar com padrão riscado em variadas cores, cordões dourados, barretinas adornadas com plumas, fitas e espelhos, botas com polainas, espadim e lenço. O rei distingue-se pelo uso de um uniforme mais rico, que inclui dragonas nos ombros e três plumas na barretina (em vez de duas). A pertença aos Mourisqueiros implica obrigatoriamente o estado de solteiro; casando, terá de abandonar o grupo. Entre os Mourisqueiros tudo, desde a indumentária e apresentação às danças, remete para a disciplina, a ordem, a força e a contenção.



Figura 2: O Velho liderando a Bugiada.

Quanto aos Bugios, são o “povo cristão” e não um exército. Liderados pelo Rei ou Velho da Bugiada, vestem-se com traje de calção comprido e casaco aveludados de cores vivas, onde predomina o verde, o vermelho e o dourado, chapéus largos com penachos e fitas, capa e máscara de diversas feições. O Velho traja em tons de vermelho com apontamentos dourados, distinguindo-se pelo longo manto e pela barretina. Ao contrário dos Mourisqueiros, os Bugios encarnam a alegria, a exaltação, a desordem, potenciadas pelos movimentos mais soltos e pelos guizos e castanholas que fazem soar. Ainda que os Bugios sejam figuras masculinas, encobertas pelas máscaras as mulheres terão integrado a Bugiada desde há muito, embora só nas últimas décadas a sua participação seja assumida e reconhecida. Tal como o Reimoeiro, o Velho conta também com os lugares especiais dos

Guias e Rabos, embora não existam Meios, uma vez que a Bugiada é aberta à participação, aparecendo no próprio dia da festa todos aqueles que desejem, e não podendo por isso estabelecer-se os lugares de Meio. De acordo com a memória da comunidade e os registos disponíveis, a Bugiada tem vindo a crescer, sendo habitual nos anos mais recentes que integre entre cinco e seis centenas de participantes, incluindo crianças. Sendo de participação livre, a Bugiada tem atraído pessoas de fora da freguesia que, adquirindo ou alugando o fato, se juntam aos sobradenses. Ainda que não sejam impedidos de o fazer, há alguma relutância dos locais quanto a esta tendência, que justificam com o facto de “os de fora” desconhecerem as regras inerentes às danças e, em geral, aos momentos performativos da festa.

Para Bugios e Mourisqueiros, o dia de S. João é passado em sucessivas danças, numa dura prova física que exige, sobretudo para os Mourisqueiros, preparação e sacrifício. O planeamento e preparação da festa são feitos ao longo de todo o ano, mas intensificam-se no mês que antecede o dia 24 de Junho, quando se realizam-se quatro ensaios públicos. Os três primeiros decorrem no Passal, perante uma assistência numerosa; o último acontece na Casa do Bugio e é concluído com um lanche de tremozos e broa, conhecido por isso como “ensaio dos tremozos”. Nestes ensaios, os participantes não trajam as roupas de festa, mas as danças são feitas com todo o rigor e até de forma mais completa do que no dia da festa, nomeadamente no caso dos Bugios, uma vez que nos ensaios, onde comparece um menor número de participantes do que na festa, o Velho dança com todos os pares, o que não é exequível no dia de S. João.

Ao longo do dia, a dança de ambas as formações tem sempre a mesma coreografia de base, embora com variações em alguns dos momentos da performance. Tanto a Bugiada como a Mouriscada apresentam-se sempre em duas fileiras paralelas encimadas pelos respectivos reis. As danças dos Mourisqueiros são sempre acompanhadas pelo som de uma caixa (pequeno tambor) que toca ritmos militares, enquanto os Bugios dançam ao som de uma melopeia simples tocada por uma pequena orquestra de violinos e violas. Em momentos específicos, ambas as formações são acompanhadas por uma banda filarmónica, que é por tradição a Banda de Campo, da freguesia vizinha (agora reunidas na mesma união de freguesias), que toca o Hino de S. João na “Dança de Entrada” e acompanha também a procissão e a parte final dos eventos performativos da “Prisão do Velho”.

A festa tem início pelas oito horas da manhã com a dança realizada por cada uma das formações junto às casas dos respectivos reis, primeiro Mourisqueiros e depois Bugios, sequência que se repete em todas as danças. De todo o lado chegam os Bugios que se fazem notar pelo som dos guizos e pelas fardas coloridas, enchendo a manhã de uma atmosfera onírica. Reimoeiro e Velho da Bugiada têm a sua primeira prova de fogo, num dia em que o seu desempenho estará sempre sujeito ao juízo rigoroso dos seus conterrâneos que não lhes exigem menos do que uma performance sem falhas.

Após a apresentação inaugural, Mourisqueiros e Bugios dirigem-se para o “jantar”, refeição de canja de galinha e cozido à portuguesa oferecida a todos os participantes pela Comissão de Festas e que se faz hoje na Casa do Bugio, em salões separados para cada um dos grupos. Em tempos mais recuados, com Mouriscadas e Bugiadas menores, a refeição realizava-se nas eiras e quinteiros das casas de lavradores mais abastados, tendo depois acontecido também em instalações industriais. À chegada, em tempos diferenciados, mouros e bugios dançam novamente, ao som da caixa e da orquestra. É durante o “jantar” que se inicia a desavença entre mouros e cristãos, com cada uma das formações a oferecer ao rei dos outros um cesto cheio de ossos, cascas de vegetais e cornos de animal, numa clara ofensa à venerabilidade de ambos. É também esta a única ocasião em que as máscaras dos Bugios são retiradas, podendo perceber-se quem é homem e mulher. Enquanto as mulheres não assumiram a sua presença na Bugiada evitavam revelar a sua identidade, escondendo-se enquanto os homens estavam no “jantar”.

Enquanto decorre a refeição, iniciam-se na igreja paroquial as cerimónias religiosas da festa. Após a missa solene, os Mourisqueiros, vindos por caminhos secundários porque nenhuma das formações pode atravessar o Passal antes da “Dança de Entrada”, vão, de cabeça descoberta, até à igreja onde tomam o andor de S. João que vão transportar durante a procissão, numa alusão ao roubo da imagem do santo evocada na lenda. Curiosamente, os Bugios não têm qualquer participação nos eventos religiosos. Segue-se a “Dança de Entrada”, um dos principais momentos performativos da festa, realizada na estrada principal, ladeada por milhares de pessoas a assistir. A Banda de Campo, tocando o hino de S. João, “vai buscar” as formações que aguardam ao fundo da estrada, primeiro Mouriscos e depois Bugios. Ao longo da estrada, esta dança consiste num marchar vigoroso para os primeiros e numa corrida em saltitos para os segundos, sempre encabeçados pelos reis. No final, na intersecção da estrada com o Passal, e já ao som da caixa e da orquestra, respectivamente Mourisqueiros e Bugios retomam a sua coreografia habitual e fazem a “cruz”, dançando uma sequência que cruza as vias. A “Dança de Entrada” de cada formação dirige-se, a seguir, pelo Passal, em direção à igreja, rematando, na fase final, numa verdadeira corrida, a que se segue o ritual da bênção que cada um dos reis faz às suas “tropas”, junto à igreja, com água benta a ser aspergida com um ramo de oliveira sobre a cabeça dos Mourisqueiros e de uma parte da Bugiada. Mais uma vez, evidencia-se aqui a ambiguidade dos Mouriscos na relação com a fé cristã, de que não se pode dizer que sejam inimigos.

Terminadas as danças, população e visitantes seguem para o almoço (feito ainda por alguns, como tradicionalmente, no Passal, com a cesta de piquenique ou nas barraquinhas de restauração), e entram em cena as “Entrajadas” ou “Estandalhadas”, que já vinham acompanhando as movimentações de Bugios e Mourisqueiros desde o “jantar”. Trata-se de grupos ou pessoas que, espontaneamente e sem aviso prévio, aparecem na cena da festa, com ar carnavalesco, para, sob a protecção das máscaras, fazer crítica social sobre situações locais e nacionais, recorrendo ao humor e à obscenidade.

Ao início da tarde, tem lugar a sequência performativa conhecida por “Serviços da tarde” e que constitui um momento muito singular da festa, irresistivelmente telúrico e subversivo, que decorre em paralelo, mas não em ligação com a performance da Bugiada e da Mouriscada. Trata-se de uma representação da vida rural na qual as actividades agrícolas se realizam por ordem inversa – e estará isto relacionado com o dito dos residentes vizinhos segundo o qual “os de Sobrado fazem tudo ao contrário”. Protagonizados por homens mascarados e vestidos com roupas velhas e sujas, estes números começam com a “cobrança dos direitos”: o cobrador segue montado ao contrário num burro e faz as suas anotações num livro com a tinta que vai buscar ao rabo do animal. Depois segue-se a sementeira, o gradar e a lavra da terra, numa ordem absurda das tarefas de cultivo. Todas estas sequências são acompanhadas por Bugios que abrem espaço à passagem do animal e do lavrador inepto, que lança as alfaias (grade e arado) contra pessoas, casas e árvores, tropeça e cai rocambolescamente a cada passo e procura sujar todos com que se cruza. Ao mesmo tempo, multiplicam-se as provocações verbais e gestuais e os ditos jocosos de quem assiste, incluindo os Bugios, que incentivam ainda mais a actuação do lavrador.

Segue-se no Passal e junto ao adro da igreja a “Sapateirada”, uma farsa que encena a história de um sapateiro que exhibe as qualidades da sua mulher, mas que é traído por esta quando um cego com o seu moço chegam. A “Sapateirada” é fortemente marcada pelo grotesco, a começar pelas formas femininas da mulher do sapateiro, que é protagonizada por um homem, e a culminar no facto de toda a cena acontecer junto a uma poça de lama onde se espojam as personagens, aproveitando para a lançar à assistência que, entre a repulsa e a atracção, se abeira e interage com os protagonistas da farsa. Os “Serviços” e a “Sapateirada” constituem os eventos menos consensuais da festa de S. João de Sobrado. O espectáculo grotesco, o facto de lama e água suja serem aspergidas sobre a assistência, nomeadamente visitantes incautos que não sabem o que os espera, leva a que alguns critiquem tais excessos e exijam alguma forma de domesticação destas práticas, enquanto

para outras pessoas da comunidade estes eventos festivos são evidência da autenticidade e ancestralidade da festa.



Figura 3: Cego e sapateiro debatem-se na lama durante a Sapateirada

Durante a tarde, e por vezes em simultâneo com a “Sapateirada”, Mouriscos e Bugios prosseguem com a “Dança do Doce”, realizada no pátio da casa paroquial, assim designada porque no final o pároco oferece a todos bebida e um doce tradicional.

Aproxima-se o momento alto da festa: o confronto bélico entre as duas formações e a “Prisão do Velho”, que constitui a sequência performativa mais importante do dia, traduzida na encenação dramática do desenlace da lenda da imagem de S. João. A acção decorre também no Passal, entre os dois palanques, ditos Castelos, construídos no sábado anterior à festa pelos reis e seus ajudantes. Numa primeira fase, a batalha envolve disparos de armas (sendo, de facto, usada pólvora em armas antigas) ao mesmo tempo que mensagens são levadas por um cavaleiro de um castelo para outro com o objectivo de se negociar a paz, o que é designado por “correr as Embaixadas”. Também no castelo do Velho dos Bugios, Advogados mostram os livros das leis, com isso argumentando com a razão as pretensões dos cristãos.

Quando os cristãos ficam sem munições é o momento para o golpe final dos Mourisqueiros: em marcha, ao som da Banda Filarmónica de Campo, lançam-se sobre o Castelo cristão, que o Reimoeiro vai conquistar ao terceiro assalto. Uma vez aí, prende com firmeza o Velho, que implora por clemência e procura libertar-se. Os Bugios que defendiam o Castelo admitem a derrota e abandonam com pesar o seu rei. O momento é vivido de forma muito emotiva por quem assiste, e de forma muito particular pelos sobradenses, sobretudo quando crianças-Bugios são alçadas ao Castelo para se despedirem do seu rei. A música desempenha também um papel importante com a banda a tocar uma marcha fúnebre, conhecido como hino da Paixão, a partir do momento em que o Velho da Bugiada é feito prisioneiro. A descida do palanque do rei vitorioso prendendo o rei vencido parece dar por encerrada a contenda. Mas quando os Mourisqueiros levam o Velho aprisionado nas suas fileiras eis que os Bugios os surpreendem no caminho, empunhando uma arma simbólica, uma serpe gigante que amedronta os mouros, que assim libertam o Velho. Nesse momento

reequilibram-se os poderes e os dois exércitos prosseguem, refeitas as suas fileiras, para a dança final, designada por “Dança do Santo”, executada primeiro por Mourisqueiros e depois por Bugios. A festa termina com a Banda a tocar de novo, agora em ambiente de festejo onde comunga a comunidade, todos dançando num arraial improvisado.



Figura 4: O Castelo dos Bugios

Com uma história que não foi ainda possível datar com rigor, dada a escassez de documentação, a Bugiada e Mouriscada realiza-se, pelo menos desde o século XIX. Desse lastro histórico decorrem dois efeitos. Por um lado, a transformação subtil mas contínua que terá acompanhado esta festa ao longo do tempo, isto é, a dinâmica da própria tradição, de que os agentes sociais da festa se dão conta, ao mesmo tempo que legitimam a sua acção com a tradição – “faz-se como sempre se fez”. Por outro lado, com a passagem do tempo, ocorre a reprodução das acções ritualizadas mesmo quando se diluem os seus significados explícitos (Lewis, 1980), o que torna os sentidos intrínsecos à festa terreno de alguma disputa pela definição legítima de “como dever fazer-se”. Este processo dinâmico, entre outros (como a disputa pelos principais papéis na festa), alimenta continuamente o envolvimento da comunidade local na festa, que de forma mais ou menos manifesta reivindica a Bugiada e Mouriscada como sua. Acresce a este elemento um sentido de singularidade desta festividade de S. João que o constitui como marcador identitário de Sobrado e conduz ao seu reconhecimento como património cultural local, embora com matriz e vocação *universal*.



Figura 5: Cena da Prisão do Velho: o Velho da Bugiada implora ao Reimoeiro

A festa como património da comunidade

O património é uma construção social (Prats, 1997). Como tal, encerra em si um capital simbólico partilhado pela comunidade, através de uma memória colectiva comum, e reforçado pela sua representação cíclica. Essa auto-representação define uma identidade local partilhada por todos quantos dela fazem parte. O que é o património? Podemos, então, afirmar que o património é aquilo que, num determinado contexto temporal, a comunidade define como tal. É neste sentido que Prats (1997) prefere o termo “activação patrimonial” em detrimento do conceito mais lato de património. Já Kirshenblatt-Gimblett (1995: 370) define o património como uma produção cultural no presente ainda que nos termos do passado produzindo, no entanto, algo novo.

Em Sobrado, o calendário anual da freguesia tem dois tempos, os meses que antecedem e os meses que vêm a seguir ao S. João. A Bugiada e Mouriscada é o ponto alto do calendário anual da freguesia e é uma festa vivida todo o ano, quer seja em termos de preparativos e eventos para angariação de fundos (peditório, sarrabulhada, dia da mulher, cabaz da Páscoa, dependendo de cada comissão de festas), quer seja pela expectativa da população local na próxima festa e nos seus principais intervenientes. A festa surge nos principais locais de socialização como tema central e as discussões em torno da mesma criam fricções e laços entre os mais entusiastas.

O S. João de Sobrado faz parte das seis marcas de património escolhidas pela Câmara Municipal de Valongo como ícones culturais do concelho¹ o que com certeza irá atrair novos olhares sobre uma festa que até ao momento pouca influência externa tem sofrido ao longo do tempo. Uma relativa institucionalização da festa, iniciada com a criação da Casa do

¹ As outras cinco marcas são: o património religioso, o brinquedo, a lousa, a regueifa e biscoito e as serras. <http://www.cm-valongo.pt/descobrir/marcas-de-valongo>.

Bugio², possibilitou uma maior divulgação da mesma, mas também fez surgir tentativas de cristalização de certos elementos simbólicos da festa, nomeadamente no que é relativo ao traje de Bugios e Mourisqueiros e às danças, que nem sempre são bem aceites pela população local. É, assim, a própria comunidade a defender o que é “genuíno” e o que é “tradição”. Assim, expressões do tipo: “o serviço tem de passar por ali”, “onde já se viu a procissão ir quase até ao posto médico”, “aquele leva uma farda que não tem jeito nenhum”, “ninguém pode andar sem máscara no Passal antes da Dança de Entrada” ouvem-se frequentemente no terreno. Estas expressões são apenas alguns exemplos do que população mais purista considera ser a tradição, mas se, por um lado, tendemos a torcer o nariz quando o assunto é tradição, por outro lado somos levados a admitir que a invenção da tradição se torna, em si mesma, uma tradição: “[...] um compromisso com a tradição implica alguma consciência; a consciência da tradição implica alguma invenção; uma invenção da tradição implica alguma tradição” (Sahlins, 1999:417). O sentimento, manifestado pelos mais acérrimos defensores da tradição, de que a festa está “perdida” provém precisamente da tentativa de defini-la com recurso ao passado, cujas limitações de alcance são já bem conhecidas (Appadurai, 1981; Lowenthal, 1985), sendo ele mesmo tão remoto e imaginado como a memória que o refere. Assim, o que a festa é hoje tem de ser procurado e analisado, sobretudo, no presente, no contexto social e cultural concreto em que actualmente a festa é realizada (Durand, 2006). Afirmar que o conflito é parte integrante destas dinâmicas sociais festivas é afirmar, igualmente, que a festa está viva e é vivida intensamente, sendo que nela também se repercutem tensões várias da própria freguesia.

O S. João de Sobrado, enquanto manifestação cultural, é considerado pela comunidade como património. Mas não só como património. Antes, ele é defendido como um património “único”, distinto de todas as outras festividades que existem e que persistem no tempo. A festa é realizada pela comunidade e para a comunidade e qualquer tentativa para alterar esta característica é censurada pela população local em uníssono. Deste modo, a inventariação da festa como património imaterial significaria o quê? Quando uma manifestação cultural é qualificada como “património” indica “[...] que o seu significado cultural, o seu papel na vida social e económica já mudaram muito [...]” (Durand, 2006). E não é menos verdade que a pouca influência externa que a festa tem sofrido ao longo do tempo tenderá a aumentar. Para começar, a presença de investigadores sociais no terreno renova o interesse e orgulho local pela festa, mas acarreta também expectativas relativamente ao estatuto que a mesma poderá vir a ter. E aqui é importante referir que esse estatuto surge associado à ideia de uma eventual candidatura à lista representativa do património cultural imaterial da humanidade da UNESCO³, ainda que um eventual processo de candidatura seja um assunto que localmente levanta algumas dúvidas e resistências, sem que tal signifique necessariamente oposição.

A participação de alguns elementos da festa, Bugios e Mourisqueiros, em eventos públicos e turísticos, com o objectivo de promoção e divulgação da mesma, desencadearam respostas negativas por parte da comunidade local que não aceita representações dos números festivos fora do calendário e fora da freguesia. Esta afirmação pública de pertença da festa à comunidade local e à freguesia é uma forma de distanciá-la de outras festividades onde a revitalização dessas manifestações culturais desencadeou processos, frequentemente assumidos, de turistificação da tradição que são amplamente criticados pelos sobradenses. Contrariamente ao observado por Raposo (2004) relativamente aos Caretos de Podence ou por Durand (2006) relativamente aos Lenços de Namorados onde, no primeiro caso, a transformação da festa em “mercadoria cultural” permitiu a circulação dos caretos combatendo o isolamento a que estavam destinados e, no segundo caso, o processo de

² Os primeiros estatutos da Associação Organizadora da Casa do Bugio e das Festas de S. João de Sobrado foram aprovados em Dezembro de 1993.

³ Os termos “património” e “UNESCO” há muito que saíram da redoma académica a que estiveram confinados, sendo hoje termos usados pelas comunidades locais, em parte resultante das recentes candidaturas a património imaterial, assim designado pela UNESCO.

certificação veio permitir a revitalização dos mesmos, em Sobrado a festa parece nunca ter estado ameaçada.

Além da presença dos investigadores, há também, e cada vez mais, a presença de fotógrafos e jornalistas que registam e divulgam a festa pelos meios de comunicação, com a pressão que decorre, por exemplo, das emissões televisivas em directo. O número de pessoas a filmar e a fotografar durante a chamada “Dança de Entrada” tem aumentado exponencialmente, o que tem trazido algumas complicações logísticas a Bugios e Mourisqueiros. As redes sociais, por sua vez, fazem chegar a festa a todo o lado inclusive ao computador do antropólogo. Entramos, agora, num cenário onde o S. João saiu de Sobrado e o que pretendemos perceber é para onde vai. Devemos, pois, partir do princípio que seja qual for o caminho ele implica o total e activo envolvimento da comunidade local. Como afirmam Salazar e Zhu (2015) precisamos de prestar mais atenção a “ethical issues” particularmente no que concerne ao envolvimento das comunidades locais e, sobretudo, à questão de quem detém o património e quem tem o poder de interpretá-lo (Salazar e Zhu, 2015: 253).

Se, no caso de Sobrado, os detentores da manifestação cultural são os sobradenses, a comunidade que realiza a festa, então, como defende Bendix (*in* Klimt e Leal, 2005) “[...] precisamos prestar mais atenção ao impacto sensorial da cultura popular [...] como a sua representação faz as pessoas se sentirem e como esses sentimentos se ligam de forma persuasiva a argumentos sobre identidade” (Bendix *in* Klimt e Leal, 2005:14).

Relembre-se que nem sempre quem se quer proteger quer ser protegido, sendo que, no caso possível de uma candidatura à lista da UNESCO do património cultural imaterial da humanidade, é o património que é protegido não a comunidade detentora do mesmo. Na opinião de Brumann (2015: 286), “os representantes reais das comunidades locais estão muitas vezes perdidos a respeito de como fazer as suas preocupações serem ouvidas no cenário global [...] Em muitos casos, o nível nacional é a arena mais promissora ou, mais precisamente, a única arena onde eles podem esperar alcançar alguma coisa”. Todavia, esta é uma questão que merece o debate entre as entidades com poder de classificação, os académicos e os agentes locais detentores das manifestações culturais que sejam ou desejem ser classificadas, de forma institucional ou não, como património. Além disso, considerando a variabilidade dos contextos e dos tempos, estes são processos que exigem antes de mais o estudo e a ponderação em concreto para cada manifestação cultural dos efeitos produzidos no património protegido ou classificado e na comunidade que lhe dá vida.

Referências bibliográficas

Appadurai, Arjun (1981). “The Past as Scarce Resource”, *Man*, New Series, vol.16, nº2, RAI, 201-219.

URL: <http://www.jstor.org/stable/2801395>. Acedido online a 30 de Agosto de 2016.

Brumann, Christoph (2015). “Community as Myth and Reality in the UNESCO World Heritage Convention” in Adell, Nicolas; Bendix, Regina; Bortolotto, Chiara; Tauschek, Markus (eds.) (2015), *Between Imagined Communities and Communities of Practice. Participation, Territory and the Making of Heritage*, Göttingen Studies in Cultural Property, Volume 8. Universitätsverlag Göttingen, 273-286

URL:

https://www.academia.edu/15266434/Community_as_myth_and_reality_in_the_UNESCO_World_Heritage_Convention. Acedido online a 2 de Setembro de 2016.

Durand, Jean-Yves (ed.) (2006). *Os «lenços de namorados»”. Frentes e Verso de um Produto Artesanal no Tempo da sua Certificação*. Vila Verde: Câmara Municipal de Vila Verde.

Klimt, Andrea; Leal, João (2005). “Introduction: The politics of folk culture in the lusophone world”, *Etnográfica*, Vol. IX (1), pp.5-17

URL: http://ceas.iscte.pt/artigos/leal_2005_introduction.pdf. Acedido online a 1 de Setembro de 2016.

Kirshenblatt-Gimblett, Barbara (1995), “Theorizing Heritage”, *Ethnomusicology*, vol.39, nº3, 367-380

URL: <http://www.jstor.org/stable/924627>. Acedido online a 1 de Setembro de 2016.

Lewis, Gilbert (1980). *Day of Shining Red: An essay on understanding ritual*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lowenthal, David (1985). *The Past as a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pinto, Manuel (1983), *Bugios e Mourisqueiros – A Festa de S. João de Sobrado*. Valongo: Edição da Associação para a Defesa do Património Natural e Cultural do Concelho de Valongo.

Pinto, Manuel (2000) A Bugiada: Festa, luta e Comunicação. Comunicação apresentada ao IV LUSOCOM – Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, São Vicente, SP/ Brasil

URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/pinto-manuel-bugiada.html>. Acedido online a 30 de Agosto de 2016.

Prats, Llorenç (1997). *Antropologia e Património*. Barcelona: Ariel Antropologia.

Raposo, Paulo (2004). “Do Ritual ao Espectáculo: «Caretos», Intelectuais e Media”, Silva, M.C. (ed.), *Outros Trópicos. Novos Destinos Turísticos, Novos Terrenos da Antropologia*, Lisboa: Livros Horizonte, 137-153.

Sahlins, Marshall (1999). “Two or three things that I know about culture”, *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, n. 3, vol. 5, 399-421

URL: <http://www.jstor.org/stable/2661275>. Acedido online a 2 de Setembro de 2016.

Salazar, Noel B.; Zhu, Yujie (2015), “Heritage and Tourism” in Meskell, Lynn (ed.) (2015), *Global Heritage. A reader*. Chichester: WILEY Blackwell.

URL: https://www.academia.edu/14991161/Heritage_and_tourism. Acedido online a 2 de Setembro de 2016